



O DIA DO SENHOR EM SUA DIMENSÃO ESCATOLÓGICA: ANÁLISE EUCOLÓGICA DO PREFÁCIO DOS DOMINGOS DO TEMPO COMUM IX

*The Day of the Lord in its Eschatological Dimension:
Euchological Analysis of the Preface IX of the Sundays in Ordinary Time*

Solano Santos Pereira¹

RESUMO: O Domingo como Dia do Senhor é reservado para a celebração e a vivência do Mistério Pascal de Cristo, sendo um dia festivo contém em si um forte sentido escatológico, expresso sobretudo nos textos litúrgicos. Entretanto, faz-se necessário destacar o seu significado de dia que prepara para a eternidade e a iminente vinda do Senhor por meio das eucologias oferecidas pela terceira edição do Missal Romano em língua portuguesa, publicada em 2023. Este artigo busca oferecer uma análise da centralidade do domingo em sua estreita relação com a dimensão escatológica presente no Prefácio IX para o Tempo Comum. A metodologia empregada consiste em pesquisa bibliográfica documental com base em documentos magisteriais, ressaltando os pontos abordados pelos autores, pertinentes ao assunto. A celebração do *Dies Domini* por meio da assembleia litúrgica dominical faz com que se realce ainda mais o Mistério deste dia. Além disso, prefigura e antecipa a realidade futura, onde em meio às alegrias e o repouso se alimenta ainda a feliz esperança de contemplar a face de Deus. Conclui-se afirmando que o rico sentido que fundamenta todo o Dia do Senhor deve ser pastoralmente renovado, para que assim as celebrações dominicais possam ser bem preparadas por serem expressão do Mistério de Cristo acreditado, celebrado e vivido, que já antegozamos no Culto da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Missal Romano; Domingo; Dia do Senhor; Liturgia; Escatologia.

ABSTRACT: Sunday as the Lord's Day is reserved for the celebration and experience of the Paschal Mystery of Christ. Being a festive day, it contains a strong eschatological sense, especially expressed in the liturgical texts. However, it is necessary to emphasize its significance as a day that prepares for eternity and the imminent coming of the Lord through the euchologies offered by the third typical edition of the Roman Missal in Portuguese, published in 2023. This article seeks to provide an analysis of the centrality of Sunday in its close relationship with the eschatological dimension present in Preface IX for Ordinary Time. The methodology employed involves documentary bibliographic research based on magisterial documents, emphasizing the points addressed by relevant authors on the subject. The celebration of *Dies Domini* through the Sunday liturgical assembly highlights the Mystery of this day even more; furthermore, it foreshadows and anticipates the future reality, where amidst joys and rest, the happy hope of

¹ Especialista em liturgia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: solanopereiras@gmail.com

contemplating the face of God is nourished. It is concluded by affirming that the rich meaning that underlies the entire Lord's Day must be pastorally renewed so that Sunday celebrations can be well-prepared as an expression of the believed, celebrated, and lived Mystery of Christ that we already anticipate in the Church's worship.

KEYWORDS: Roman Missal; Sunday; Lord's Day; Liturgy; Eschatology.

O Domingo é na tradição cristã o Dia do Senhor e contém um aspecto catalizador pela relação direta que mantém com o Mistério da Salvação. É nele o lugar por meio do qual se rememora a Páscoa de Cristo e de cada discípulo, tornando-se, assim, o dia da ressurreição, a Páscoa semanal e o núcleo do ano litúrgico, o dia sem fim. Por outro lado, o Domingo não se limita a ser testemunha somente da dimensão histórica do evento pascal com a sua riqueza soteriológica, mas exige um aprofundamento preeminente de sua dimensão escatológica, isto é, uma pedagogia luminosa da fé para o dia sem ocaso.

Com a perda do real sentido do domingo para a fé cristã, o homem contemporâneo deixa de olhar para Cristo, o Verbo Encarnado, Senhor do tempo e da história, cuja humanidade foi transfigurada e glorificada com a sua morte e ressurreição e o ceticismo afasta da esperança de vida eterna, de modo que essa mentalidade se reflete, sobretudo, nas celebrações eucarísticas dominicais. Assim, na intenção de aprofundar o tema, o objetivo geral consiste em compreender a centralidade do domingo no Mistério Pascal de Cristo, e seu desdobramento na história da Igreja, enfatizando em seu aspecto teológico-litúrgico, com ênfase em sua dimensão escatológica como ato cultural que antecipa e prefigura o dia sem ocaso.

Como metodologia na elaboração deste trabalho, recorreu-se à pesquisa bibliográfica e documental com base em documentos magisteriais, bem como a utilização de autores pertinentes ao assunto. Ademais, utilizou-se do rico patrimônio eucológico próprio dos livros litúrgicos, em particular da terceira edição do Missal Romano. Por fim, o motivo que levou a realização deste trabalho sustenta-se na experiência pastoral em várias realidades eclesiais e nos estudos teológicos, em que se verificou, por meio da crescente secularização, a perda do sentido da fé que se reflete no esvaziamento e na desvalorização do Domingo como Páscoa semanal, a convocação da assembleia eucarística e sua adesão, interfere diretamente na *Ars celebrandi* da Igreja.

1. A relação entre escatologia e liturgia

Entre os vários tratados que compõem a ciência teológica, a escatologia é que especificamente investiga as realidades derradeiras, as “coisas últimas”, tratando dos temas dos novíssimos: morte, juízo particular e universal, céu, inferno, purgatório e ressurreição, que se referem diretamente à escatologia da pessoa. Do mesmo modo, no outro campo de abordagem deste tratado teológico se encontra a visão de uma escatologia cósmica onde se trabalha temas voltados para o desenrolar da Parusia. Por conseguinte, a escatologia busca colocar em evidência que a esperança cristã se encontra justamente no próprio Cristo morto e ressuscitado. Assim, esclarece Dom Henrique Soares:

[...] o centro da esperança cristã é Cristo ressuscitado [...]. Jesus é o centro da fé e da história humana: tudo quanto o Pai fez e pensou para a humanidade, e o mundo foi feito através de Cristo e somente em Cristo terá a sua realização (cf. Cl 1,15-20). Portanto, as coisas últimas que acontecerão nada mais são que o cumprimento amoroso daquilo que o Pai sonhou para nós desde o início, em Cristo [...]².

Na História da Salvação, conforme o desígnio sabiamente estabelecido por Deus, tudo aponta para Cristo e tudo depende d’Ele juntamente com o Espírito Santo que também procede do Pai, pois é vontade do Pai que todo homem seja salvo e conheça a verdade³, sendo somente por meio do Filho, o Verbo encarnado, revelador e mediador que se entende e se participa do plano divino da salvação. Ademais, sendo Jesus o princípio e o fim de todas as coisas⁴, a criação e toda a humanidade alcançada por Cristo caminha e se direciona com Ele para o Pai⁵. Assim, a Igreja e nela todo discípulo de fé aguarda ansiosamente a vinda gloriosa do Filho Amado⁶, para a consumação em plenitude da salvação já começada entre nós que superará toda categoria de tempo e espaço, pois seremos revestidos da imortalidade do próprio Cristo que é ontem, hoje e sempre, pois seremos tal como Ele é⁷.

Diante disso, entende-se que o dia do Senhor está plenamente relacionado com a sua eminente segunda vinda, onde Jesus manifestará sua peculiar e única glória de Ressuscitado, também intrinsecamente unida a Ele, por um título especial da graça, a glorificação e a plena realização de sua Igreja. Já que, “[...] o cume da obra de Jesus e a

² COSTA, Henrique Soares da. *Escatologia: sobre o fim do mundo*. Lorena: Cléofas: 2018, p. 9.

³ Cf. 1Tm 2,4.

⁴ Cf. Cl 1,15-20.

⁵ Cf. Jo 14,1-3.

⁶ Cf. Tt 2,13.

⁷ 1Jo 3,2.

plenitude da Igreja serão também a plenitude do homem”⁸, em outras palavras, somente pela glória de Cristo manifestará a glória de sua amada Igreja e de cada membro que a compõe, pois a glorificação da cabeça já é a glorificação de todos os membros que formam o *Christus Totus*⁹.

Isso significa que a vinda do Senhor é dia de ressurreição, em que o corpo dos renascidos pela água e pelo Espírito Santo. Assim, para que nós, que fomos “[...]sepultados com Ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova. [...] sejamos uma só coisa com ele, também por uma ressurreição semelhante à sua”¹⁰. Esta nova criação dá-se pelo mesmo Espírito do Pai que ressuscitou o corpo de Cristo, que continua já ressuscitando, através da água e do Espírito, os que são inseridos na vida nova Dele, comunicando-nos por meio do santo Batismo, o fundamento da gloriosa ressurreição dos nossos corpos. Assim nasce a Igreja triunfante, a Jerusalém celeste que desce do alto, plenamente gloriosa em seus filhos ressuscitados pela força do Espírito, unidos no único corpo de glória, que é de Cristo Jesus.

Por conseguinte, toda a liturgia da Igreja é permeada pelo aspecto escatológico do Mistério Pascal de Cristo, sobretudo, a celebração eucarística dominical. É necessário frisar constantemente que a ação litúrgica se direciona para o futuro escatológico, já que a liturgia é lugar por excelência onde se celebra os mistérios da fé, ou seja, celebra-se aquilo que é professado como testemunho genuíno da fé eclesial.

Como afirma Triacca:

A liturgia Cristã é o lugar essencial da confissão de fé e da celebração da experiência de fé que ilumina o sentido da vida e da morte, do presente e do futuro. Ela é a presença e a ação de Cristo, o Ressuscitado, que com o dom do Espírito Santo une a si a igreja no movimento cultual e santificante da páscoa: com a presença eficaz do seu mistério pascal o *kyrios* glorioso enxerta o nosso tempo na sua eternidade e com o dom do seu Espírito insere dinamismos de vida imortal na existência caduca dos homens. A experiência litúrgica ilumina o destino da Igreja a caminho da Jerusalém celeste, onde se cumprirão todas as realidades que agora são vividas na fé e na esperança [...]”¹¹.

Entende-se, dessa maneira, que a liturgia é indispensável para a vivência da tríplice realidade dos mistérios confessados, celebrados e vividos que fundamentam a experiência

⁸ COSTA, Henrique Soares da. *Escatologia: sobre o fim do mundo*. Lorena, SP: Editora Cléofas: 2018, p. 22.

⁹ Cf. SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. Tratados sobre o Evangelho de João. Tratado XXI. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

¹⁰ Cf. Rm 6,4-5.

¹¹ TRIACCA, Achille. *Escatologia*. In: TRIACCA, Achille. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 351.

mais lídima do mistério da fé e enseja a realidade escatológica que já se antecipa no hoje da oração litúrgica dominical da Igreja. Isto não acontece por mera lembrança ou recordação das verdades que fundamentam os fatos históricos passados ou realidades futuras que continuamente devem ser atualizadas, mas trata-se de uma realidade que tem como centro iluminador e definitivo o próprio Mistério Pascal de Cristo que culmina, com a ressurreição, no dom do Espírito, na qual a ação litúrgica tem a primazia de ser presença-agente¹². Em síntese, o discurso sobre as coisas últimas é parte inerente da *ars celebrandi* da Igreja, pois assim nos recorda o Concílio Vaticano II:

Na liturgia da terra, participamos, e, de certa maneira, antecipamos a liturgia do céu, que se celebra na cidade santa, a Jerusalém para a qual caminhamos, em que Cristo, sentado à direita do Pai, é como que o ministro das coisas santas e do verdadeiro tabernáculo. Juntamente com todos os anjos do céu, cantamos um hino de glória ao Senhor. Celebrando a memória dos Santos, esperamos um dia seu convívio. Vivemos na expectativa do salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até o dia em que tornar manifesta a nossa vida e tomarmos parte, com ele, em sua glória¹³.

A íntima relação entre o tratado escatológico e a Liturgia transparece perfeitamente na celebração dos sacramentos. Devido à sua autêntica realidade escatológica, a celebração eucarística já prepara cada fiel a participar e “saborear antecipadamente a consumação escatológica para a qual todo homem e a criação inteira estão a caminho”¹⁴, isto é, vai pedagogicamente para a vinda do Senhor, como tão bem recordado na aclamação memorial após a narrativa da instituição: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”¹⁵.

Portanto, é notório o modo pelo qual a liturgia é permeada pelo discurso das coisas últimas. O domingo entre os vários aspectos que o rodeiam, nutre particular sentido na vivência e testemunho de fé de cada discípulo do Senhor, pois sendo Cristo alfa e ômega de toda a realidade temporal e supratemporal, tem nesse dia particular importância e celebra o dia do ressuscitado que é a esperança de todo cristão. Assim sendo, toda riqueza e valor escatológico do dia do Senhor exprime o essencial da fé cristã, que se manifesta nos textos eucológicos em que a fé é expressa e professada.

¹² Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosantum Concilium*: sobre a sagrada liturgia. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 7. De agora em diante: SC.

¹³ SC, n. 8.

¹⁴ PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*: sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 30. De agora em diante: SCa.

¹⁵ Oração Eucarística I ou Cântico Romano. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 531.

2. O Prefácio dos Domingos do Tempo Comum IX: O dia do Senhor

Até aqui defendeu-se a importância da relação entre liturgia e escatologia, cuja ênfase está na Eucaristia dominical como dia do Senhor, que se dilata como dia de graça, como tempo de preparação e consumação da Páscoa eterna, cujo dia não tem fim. Agora, vale recordar que a ciência litúrgica tem missão fundamental na “reflexão teológica sobre a vida litúrgica da Igreja”¹⁶, amparada em suas fontes, como a Sagrada Escritura, os Padres da Igreja, o Sagrado Magistério e a riqueza dos livros litúrgicos. Essa última fonte é imprescindível para a aquisição do verdadeiro sentido dos mistérios celebrados, pois os textos eucológicos exercem, desde muito tempo, na história da Igreja, enorme relevância, como é o caso do cuidado com as palavras da consagração herdado da tradição oral, descritas pelos relatos bíblicos na literatura paulina e sinóticos e que se conservou nos textos da prece litúrgica da Igreja¹⁷, sendo indispensáveis para a celebração, inclusive, do próprio domingo. Além disso, destaca-se que:

Os textos eucológicos distinguem-se de todos os textos bíblicos antes de tudo pela diversidade da origem. Com efeito, as fórmulas eucológicas são criadas ex-professo pela Igreja a fim de exprimir o mistério do seu culto de modo que se adapte às condições socioculturais da assembleia. Portanto, a eucologia das várias tradições litúrgicas é a manifestação mais característica da concepção de que determinada Igreja local tem em relação à Liturgia e ao seu mistério.¹⁸

Um outro ponto relevante é perceber que a liturgia é o lugar privilegiado da proclamação da Palavra, que se transforma em eucologia. A Palavra se transforma em natureza teologal e orante da fé da Igreja que vive dos mistérios que celebra, pois se entende que:

Na Liturgia do Verbo encarnado *a palavra está*, necessariamente, em primeiro lugar, como mediadora que é da autocomunicação de Deus que se revela salvando e salva revelando-se, e também, com veículo da resposta do homem que acolhe a palavra e a devolve em confissão de fé, adoração, louvor, ação de graças e súplicas. Bem o sabemos, a Palavra de Deus é viva e activa, é acontecimento. Em Cristo toma corpo humano, torna-se visível e palpável. E a presença de Cristo na Liturgia é sempre presença de Palavra: Palavra audível, Palavra visível, Palavra activa, é acontecimento. [...] Na liturgia, portanto, é sempre fundante a Palavra de Deus à assembleia (=proclamação actual da Revelação e sua aplicação à vida) e da assembleia a Deus (=eucologia)¹⁹.

¹⁶ AUGÉ, Matias. Princípios de interpretação dos textos litúrgicos. In: NEUNHEUSER, B. et al. *A liturgia: momento histórico da salvação*. vol. 1. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 193.

¹⁷ Cf. JUNGSMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia: origem, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2008.

¹⁸ AUGÉ, Matias. Princípios de interpretação dos textos litúrgicos. In: NEUNHEUSER, B. et al. *A liturgia: momento histórico da salvação*. vol. 1. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 203.

¹⁹ PEIXOTO, João da Silva. O Missal Romano e sua riqueza eucológica. *Humanística e Teologia*, Porto, v. 14, n. 3, p. 277-303, 1 set., 1993. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/5877>. Acesso em: 07 jul. 2022, p. 279.

Com isso, compreende-se que a Palavra é reverberada na oração, é fundamental na liturgia, ocupando assim o primeiro lugar. Portanto, a eucologia traduz a consciência da Igreja, modo pelo qual a Igreja apreende o Mistério da Salvação, não se tratando de especulação, mas de contemplação e celebração. Dessa forma, toda a gama de textos eucológicos é um patrimônio da Igreja de caráter universal, transcendendo o tempo, ela é testemunha privilegiada da Tradição.

No que se refere aos textos eucológicos nos tempos atuais, o Concílio Vaticano II, os considera em termos quantitativos e qualitativos como surpreendentemente positivos. O missal publicado posteriormente ao referido concílio, durante o pontificado do Papa Paulo VI, em 1975, traz consigo caráter de catolicidade, se explica pelas ricas fontes que foram consultadas e que o ajudaram em sua compilação. Vale destacar os mais utilizados: Sacramentário Veronense, Gelasiano e Gregoriano²⁰. A Instrução Geral sobre o Missal Romano, reconhece o valor com que foi enriquecido, com o árduo trabalho de se constituir, por excelência, um livro litúrgico que conserva o imutável depósito da fé eucarística:

Por isso, “a norma dos Santos Padres” não exige apenas que se conserve o que os nossos antepassados mais recentes nos legaram, mas também que assuma e se julgue do mais alto valor todo passado da Igreja e todas as manifestações de fé, em formas tão variadas de cultura humana e de civilizações como as semitas, gregas e latinas. Essa visão mais ampla nos permite perceber como o Espírito Santo concede ao povo de Deus uma admirável fidelidade na conservação do imutável depósito da fé, apesar da enorme variedade de orações e ritos²¹.

Em termos gerais, a liturgia da celebração dominical foi bastante agraciada pela renovação oferecida pelo Missal Romano reformado por decreto do Concílio Vaticano II, dando enfoque ao sentido original desse dia, como celebração da Páscoa semanal. Expressão disso foi a inclusão de novos prefácios destinados exclusivamente para o uso nos domingos do Tempo Comum²². Dentre os novos prefácios se encontra o de número IX que tem por título: “O dia do Senhor”²³. De modo particular, essa eucologia oferece

²⁰ PEIXOTO, João da Silva. O Missal Romano e sua riqueza eucológica. *Humanística e Teologia*, Porto, v. 14, n. 3, p. 277-303, 1 set., 1993. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/5877>. Acesso em: 07 jul. 2022, p. 279.

²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 7. ed. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 9.

²² Cf. ADAM, Adolf. *O ano litúrgico: Sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

²³ Cf. Prefácio dos Domingos do Tempo Comum IX: O dia do Senhor. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 482.

uma síntese do mistério que é celebrado no domingo de natureza pascal, prepara e alimenta a esperança na vida eterna, no futuro que temos em Cristo junto de Deus.

Como fonte segura para adentrar no mistério celebrado, os textos litúrgicos são uma expressão da fé da Igreja, de cunho bíblico, patrístico, teológico e espiritual. Ressaltando de modo orgânico, o valor pascal do domingo como esperança no Ressuscitado que prefigura, pelo dia do Senhor, o dia sem ocaço.

2.1. “Pai santo, fonte da verdade e da vida, porque, neste domingo festivo nos acolhestes em vossa casa.”²⁴

As primeiras orações, que se iniciam após o diálogo introdutório do prefácio, trazem consigo os diversos elementos teológicos, a começar pela imagem e o reconhecimento da oração dirigida ao Pai, com o atributo divino de ‘Santo’, típico da oração de Jesus na última ceia, conforme o relato joanino: “Pai Santo”²⁵. Dois são os atributos essenciais de Deus que nos são comunicáveis, a verdade e a vida. Ele é a fonte da verdade e da vida, pois “[...] todo dom precioso e toda dádiva perfeita vêm do alto e descem do Pai das Luzes, no qual não há mudança nem sombra de variação[...].”²⁶.

Sabendo que de Deus provém toda a verdade, Ele é necessariamente verdadeiro, infalível e absolutamente confiável, de modo que cada fiel que deposita a sua esperança, no Pai não esmorece, continuando firme na promessa que Ele faz e não falha²⁷. Por outro lado, além de ser fonte Ele é o próprio Deus verdadeiro como afirma o evangelista João, nas palavras da oração de Jesus ao seu Pai: “[...] Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviastes, Jesus Cristo [...]”²⁸. O Concílio Vaticano II, ao falar da revelação, presenteia a Igreja com um belo texto que coloca em evidência o atributo de Deus, o Pai, como fonte da vida:

Criado pelo Verbo o universo (cf. Jo 1,3), e conservando-o, Deus proporciona aos homens, nas coisas criadas, um permanente testemunho de Si (cf. Rom 1,1-20) e, além disso, no intuito de abrir o caminho de uma salvação superior, manifestou-Se a Si mesmo desde os primórdios a nossos pais. E após a queda destes, com a prometida redenção, alertou-os a esperar uma salvação (cf. Gn 3,15), e velou permanentemente pelo gênero humano, a fim de dar a vida

²⁴ Prefácio dos Domingos do Tempo Comum IX: O dia do Senhor. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 482.

²⁵ Jo 17,11.

²⁶ Tg 1,17.

²⁷ Cf. Hb 10,23.

²⁸ Jo 17,3.

eterna a todos aqueles que, pela perseverança na prática do bem, procuram a salvação (cf. Rom 2,6-7)²⁹.

Deus sempre comunica a sua vida, da criação à Redenção e continuamente nos insere e nos torna partícipes de sua vida divina por meio de Jesus Cristo: “Aproouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (cf. Ef 1,9), pelo qual os homens, por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Ped 1,4)”³⁰. Por qual modalidade o Pai Santo continua a sua vida divina? Na nova economia da salvação, são os sacramentos que fazem continuar em nosso meio a vida de Deus, especialmente a Eucaristia como memorial de Cristo que se oferece a cada um que n’Ele crê e se alimenta de seu corpo e sangue garantindo-lhe a vida eterna³¹. Só por esses dois motivos o dia do Senhor já se enche de enorme caráter festivo, motivos que fazem todo povo de Deus se reunir para render graças e louvores.

O segundo elemento se apresenta como aquilo que define o domingo, desde a antiguidade cristã, o dia primordial de festa. Em uma perspectiva antropológica, o ser humano ao realizar uma celebração sempre começa com um encontro, onde todos aqueles que participam se sentem envolvidos por laços, vínculos e afetos que por vezes se encontram dispersos na vida cotidiana. Ao se reunirem acabam exprimindo “[...] a sua vinculação unitiva, de modo sensível, por meio de uma presença física de reciprocidade [...] a comunidade se reencontra na totalidade dos seus membros e, desse modo, inicia-se a alegria, a festa de voltar a se ver, de estar todos juntos, da conversa interpessoal, início da partilha comunitária posterior [...]”³². De modo semelhante é a iniciativa divina da reunião tipicamente cristã, sobretudo no dia em que se celebra a vitória da vida sobre a morte, a obra redentora, a ressurreição do Senhor, motivo pelo qual os cristãos se regozijam no Senhor: “Este é o dia que o Senhor fez, exultemos e alegremo-nos nele”³³.

O domingo visibiliza a razão singular da convocação festiva de todos em assembleia: no mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Já na acolhida, a Igreja reunida expressa a consciência de ser convocada pelo Pai ao afirmar: “Bendito seja Deus, que nos

²⁹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*: sobre a revelação divina. In: VIER, Frederico (Coord.). *Documentos do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1966, n. 3. De agora em diante: DV.

³⁰ DV, n. 2.

³¹ Cf. Jo 6,53.

³² MALDONADO, Luis. Quem celebra: a Assembleia Litúrgica, sujeito integral da celebração. In: BOROBIO, Dioniso (Org.). *Liturgia e sacramentologia fundamental*. vol. 1. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 163.

³³ SI 118,24.

reuniu no amor de Cristo”³⁴. Cristo está vivo à direita do Pai e na sua Igreja, e Ele não permanece mudo pois canta em nós o canto festivo como parte essencial da celebração, expressa a unidade da assembleia dominical em Cristo: “A Palavra de Cristo habite em vós ricamente: com toda sabedoria ensinai e admoestai-vos uns aos outros e, em ação de graças a Deus, entoem vossos corações salmos, hinos e cânticos espirituais [...]”³⁵.

Evidentemente, o dia festivo tem um caráter especificamente eclesiológico, pois expressa de modo mais perfeito, a imagem da Igreja reunida, que invoca e, ao mesmo tempo, expressa a Igreja visível e invisível.

A assembléia litúrgica não é uma reunião qualquer, ela é constitutiva da Igreja. Sem ela não há Igreja. Nenhuma outra reunião dos membros da Igreja se equivale a uma assembleia litúrgica. Por quê? A assembleia litúrgica é sacramento da Igreja; é seu “sinal” e “instrumento”; é realidade visível que remete à sua realidade invisível; é celebrando juntos que nos tornamos Igreja e temos condições de experienciar a realidade de “ser Igreja”.³⁶

Compreende-se dessa maneira que a assembleia litúrgica reunida na celebração do *Dies Domine*, celebra a nova e eterna Aliança fundada com o Ressuscitado. Também a assembleia tem uma dimensão de ser Corpo de Cristo, onde cada discípulo é membro no Corpo Místico de seu Mestre, o qual Ele mesmo é a cabeça³⁷, em uma completa harmonia, pois nenhum membro anula outro³⁸. Assim sendo, as assembleias litúrgicas são expressão do sinal da comunhão da Igreja, da sua unidade, como foi retomada pelo Concílio Vaticano II:

[...] Dia após dia, a liturgia vai nos transformando interiormente em templos santos do Senhor e morada espiritual de Deus, até a plenitude de Cristo, de tal forma que nos dá a força necessária para pregar Cristo e mostrar ao mundo o que é a Igreja, como reunião de todos os filhos de Deus ainda dispersos, até que se tornem um só rebanho, sob um único pastor.³⁹

A perspectiva conciliar é de comunhão que se visibiliza na assembleia. A reunião dos fiéis em assembleia litúrgica como expressão visível da Igreja, recorda também a íntima comunhão que existe com os irmãos que aqui peregrinam, mas estreita os laços com a Igreja triunfante. “Na glória do céu, os bem-aventurados continuam a cumprir com alegria a vontade de Deus, em relação aos outros homens e a toda a criação. Eles já reinam com

³⁴ Ritos Iniciais. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 431.

³⁵ CI 3,16.

³⁶ BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. *O Mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência, SP: Siquem, 2003, p. 100.

³⁷ Cf. CI 1,18.

³⁸ Cf. IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, n. 791. De agora em diante: CIC.

³⁹ SC, n. 2.

Cristo. Com Ele “reinarão pelos séculos dos séculos”⁴⁰. Dessa forma, o dia do Senhor manifesta-se como dia festivo onde toda a Igreja, expressa em sua assembleia, é convidada a celebrar o mistério que a une.

E, por fim, outro elemento presente é de que Deus é Pai que acolhe em sua casa, é sinal de seu desígnio de amor paterno, conforme o plano divino da salvação: “[...] bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo [...] Nele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor[...]”⁴¹. O Filho de Deus veio ao mundo como reunidor universal, chamando os homens para a perfeição da unidade, “que todos sejam um [...] para que o mundo creia [...]”⁴², movido por grande compaixão qual pastor reúne as ovelhas⁴³ e, também, como se auto revela no simbolismo de uma galinha que reúne debaixo de suas asas os seus filhotes⁴⁴. Enquanto no Antigo Testamento o templo de Jerusalém é o lugar sagrado para o encontro com Deus, com o advento de Jesus. Ele mesmo será o verdadeiro Templo, que se expressa em seu corpo que é a Igreja.⁴⁵ O corpo do Cristo ressuscitado será doravante o único “templo”, o lugar verdadeiro, portanto, a casa, a nova tenda armada entre nós, para o encontro com o Senhor, onde todos recorrem a Ele.

O rito de dedicação de uma Igreja descreve o vínculo da igreja em sua estrutura, enquanto edificação sagrada e a Igreja expressão do Corpo de Cristo, morada e casa de Deus:

Aqui, as ondas da graça divina sepultem os delitos, para que vossos filhos e filhas, ó Pai, mortos para o pecado, renasçam para a vida eterna. [...] Aqui, como jubilosa oblação de louvor, ressoe a voz do gênero humano unida aos coros dos anjos e suba até vós a prece incessante pela salvação do mundo. Aqui, os pobres encontrem misericórdia, os oprimidos alcancem a verdadeira liberdade e todos sintam a dignidade de ser vossos filhos e filhas, até que, exultantes, cheguem à Jerusalém celeste.⁴⁶

Deus, sendo fonte de verdade e vida, faz com que todos os seus filhos corram ao seu encontro, motivo esse que os faz se alegrar, dando ao domingo o rosto festivo, elemento essencial da natureza desse dia e que, em sua infinita misericórdia, acolhe paternalmente, em sua casa. Nesse sentido, a Igreja em reunião festiva forma uma assembleia litúrgica que é a expressão de sua dimensão visível e invisível, mostrando a íntima relação com o

⁴⁰ Cf. CIC, n. 1029.

⁴¹ Ef 1,3-4.

⁴² Jo, 17,21.

⁴³ Cf. Jo 10.

⁴⁴ Cf. Mt 23,37.

⁴⁵ Cf. Jo 2,18-22.

⁴⁶ Dedicção de Igreja e de Altar. In: IGREJA CATÓLICA. *Pontifical Romano*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 451.

dia do Ressuscitado e seus mistérios, que serão contemplados na Jerusalém celeste, ou seja, na Igreja triunfante.

2.2. “Hoje, vossa família, para escutar vossa Palavra e repartir o Pão da Eucaristia, celebra a memória do Senhor ressuscitado, enquanto a humanidade inteira espera o domingo sem ocaso [...]”⁴⁷

O Domingo, como o dia do Senhor, ganha pleno significado, sobretudo sacramental, por seu forte vínculo com a celebração da Eucaristia, que anima a comunidade dos fiéis a realizarem nesse dia o contínuo mandato do Senhor: “Fazei isso em memória de mim”⁴⁸. No livro dos Atos dos Apóstolos, a comunidade se encontra reunida na escuta da Palavra, na comunhão e fração do pão e em oração⁴⁹, de modo que se reuniam sempre no primeiro dia da semana⁵⁰, fazendo com que o domingo seja o dia por excelência da Eucaristia.

Por certo, a Eucaristia se encontra no centro da vida cristã. Por isso, o domingo ajuda a encontrar a forma eucarística própria da existência de cada cristão: “[...] ‘viver segundo o domingo’ significa viver consciente da libertação trazida por Cristo de modo que cada fiel possa realizar a própria existência como oferta de si mesmo a Deus, para que a vitória recebida do Senhor se manifeste plenamente a todos os homens através de uma conduta intimamente renovada”⁵¹. Daí se explica a importância com que se deve viver o preceito dominical, como a verdadeira fonte e liberdade autênticas, auxiliando na vivência dos outros dias, por meio daquilo que se celebra no *Dies Domini*. Com efeito, toda a vida litúrgica e, demais ações da Igreja, se ordena para a Eucaristia, pois é o bem maior que a própria Igreja pode conceder aos seus filhos. Assim:

A celebração da Eucaristia é o centro de toda a vida cristã, tanto da Igreja universal como de suas assembleias locais. Na verdade, “os demais sacramentos, bem como todos os ministérios eclesiais e as tarefas apostólicas, ligam-se estreitamente à Sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo que dá a vida ao ser humano por sua carne vivificada e vivificante por obra do Espírito Santo. Dessa forma o ser humano é convidado a oferecer com Cristo a si próprio, seus trabalhos e todas as coisas criadas”⁵².

⁴⁷ Prefácio dos Domingos do Tempo Comum IX: O dia do Senhor. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 482.

⁴⁸ Cf. Lc 22,19; 1Cor 11,25.

⁴⁹ Cf. At 2,42-47.

⁵⁰ Cf. At. 20,6-12.

⁵¹ SCA, n. 72.

⁵² Introdução Geral. In: IGREJA CATÓLICA. *Ritual Romano: A sagrada comunhão e o culto do mistério eucarístico fora da missa*. São Paulo: Paulus, 2000, n. 1.

Entende-se que a Eucaristia dominical fomenta ainda mais a vida de cada cristão e enriquece o sentido do domingo como dia da celebração do Mistério Pascal de Jesus Cristo, logo a “participação na Eucaristia é o coração do domingo”⁵³. Dessa maneira, como expressão da família de Deus, a assembleia eucarística reunida celebra o primeiro dia da semana essencialmente por meio de dois ritos que estão em íntima relação formando um único ato cultural, a saber, a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística⁵⁴.

A “família reunida” para escutar a Palavra descobre os tesouros da revelação divina e entra na dinâmica da celebração que a envolve e a prepara para o banquete eterno⁵⁵. Na primeira parte, a Liturgia da Palavra é formada por um duplo movimento entre Deus que fala ao seu povo e esse mesmo povo que lhe responde com suas orações e súplicas. Isso demonstrando o diálogo que se estabelece entre Deus e seu filhos. Em sentido cristológico, é diálogo do Pai com os seus diletos, por meio do Primogênito, a quem se adere por meio da força do Espírito Santo que os torna parte do tecido eclesial colaborando, assim, na missão da Igreja⁵⁶. Portanto, entende-se que:

Na Liturgia da Palavra, Deus fala ao seu povo para lhe manifestar o mistério da redenção e da salvação. O próprio Cristo, por suas palavras, se acha presente no meio dos fiéis. Pela partilha e pelos cantos, o povo responde e se apropria dessa Palavra de Deus e a Ele adere pela profissão de fé. Alimentado por esta Palavra, reza na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro, estabelecendo-se, assim, o diálogo da aliança entre os parceiros, Deus e o povo.⁵⁷

Por conseguinte, a Liturgia da Palavra como encontro com o Ressuscitado é sinal evidente da sua presença⁵⁸. Do mesmo modo, como Deus falou por meio dos patriarcas e profetas, assim também continua falando com o seu povo no Senhor Jesus que também fala a cada um dos seus seguidores⁵⁹.

A Igreja reconhece as modalidades da presença de Cristo, especialmente nas ações litúrgicas: Cristo “[...] Presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja[...].”⁶⁰, revelando o Pai e se autorrevelando pelo Espírito Santo. Assim, por ser Palavra viva de Deus, Jesus realiza a sua missão salvadora

⁵³ PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dies Domini: sobre a santificação do domingo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998, n. 52.

⁵⁴ Cf. SC, n. 56.

⁵⁵ Cf. SC, n. 106, 33, 48, 24.

⁵⁶ BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. *O Mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência, SP: Siquem, 2003.

⁵⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ministério e Celebração da Palavra*. Documentos da CNBB 108. Brasília: 2019, n. 77.

⁵⁸ Cf. SC, n.7.

⁵⁹ Cf. Hb 1,1ss.

⁶⁰ SC, n. 7.

chamando à fé e à conversão. A Igreja ouvindo, meditando e realizando a vontade do Pai se edifica sobre a rocha da Palavra de Deus⁶¹. Ademais, pelo ato da proclamação da Palavra de Deus que tem como seu centro a proclamação do Evangelho que é o próprio Cristo, temos uma relação simbólica, vital com Ele:

No momento em que o leitor empresta sua boca a Deus, proclama a Palavra, atualiza-se uma dupla presença dinâmica. Pois, mediante a eficácia do sinal, somos rerepresentados ao eterno presente do Deus que fala e, ao mesmo tempo, Deus desce ao nosso hoje, recebendo um rosto humano, nosso rosto. Desse modo a Palavra eterna que historicamente nutriu gerações e gerações de fiéis, é relacionada a nós e, com todo o seu peso teológico, recai no hoje em que efetivamente nos nutre. Esta mútua referência de existencial e eterno, de fome espiritual e de verdadeiro alimento que nutre, de morte e de vida, é, para todos os efeitos, um evento pascal, enquanto participa e faz realmente participar da dimensão pascal plena da eucaristia⁶².

Dessa maneira, a Palavra que é proclamada nas celebrações eucarísticas, nutre e inserem cada um daqueles que a recebe na plena Páscoa vivida em cada Eucaristia. Com isso a Palavra é alimento que provê e prepara para a mesa da Eucaristia, formando um só ato cultural⁶³. Ademais, como na pedagogia da celebração da Aliança no Antigo Testamento, em que havia a participação de Deus e o seu povo, de modo análogo são as celebrações eucarísticas da Nova Aliança, onde o Cristo selou a nova e eterna aliança, por meio de sua palavra e dos sinais do pão e do vinho. Pela palavra de Cristo, entramos no coração da nova aliança, Ele porta algo ao povo que o acolhe na fé fez e renova o sacrifício sobre as espécies do pão e do vinho. Portanto, temos uma ação cultural, a do Verbo que se fez carne e pão que se faz carne. Assim, a vida de Cristo é comunicada à Igreja como Palavra de vida eterna⁶⁴.

Na segunda mesa da celebração eucarística dominical, “repartimos o pão consagrado”, a fração do Pão, primeira denominação para a Ceia do Senhor, conforme os Atos dos Apóstolos⁶⁵. O Alimento eucarístico coloca cada discípulo, não só em comunhão com a Páscoa do Senhor, mas em constante preparação para a vida eterna e para a vinda gloriosa do Senhor, ou seja, a mesa da Eucaristia é um banquete escatológico. No relato joanino, Jesus se autorrevela como o Pão da vida: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede”⁶⁶, mas, é na última ceia, como relato da instituição da Eucaristia ao afirmar que “Isto é o meu corpo” e “Isto é o meu

⁶¹ Cf. Mt 7,21-27.

⁶² GIRAUDDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 557.

⁶³ Cf. SC, n. 56.

⁶⁴ Cf. Jo 6, 68.

⁶⁵ Cf. At 2,42. 46; 20,7.11; 27,35; Lc 24,30.35.

⁶⁶ Jo 6,35.

sangue”⁶⁷, que Ele alimentará para sempre a sua Igreja; com isso, o pão partido e o vinho são sinais da pessoa de Jesus, de modo que todo discípulo que dele se alimenta, acaba comungando da vida e do sacrifício salvífico de Cristo⁶⁸.

A própria imagem do pão aponta para a vida futura: quem comer deste pão viverá eternamente⁶⁹. O dom da Eucaristia segue a lógica de vida de Cristo, como a do grão de trigo que morrendo produz muitos frutos⁷⁰. De modo análogo, o próprio Cristo é aquele que, morrendo, ressuscitou em corpo glorificado, cujos frutos desse acontecimento são oferecidos a todos os que nele creem e que ao comungarem do Seu corpo são por Ele transformados, ainda mais, serão corpos incorruptíveis que antegozam da esperança da ressurreição.

Porquanto, em toda “[...] Celebração Eucarística já nos unimos à liturgia do céu e antecipamos a vida eterna, quando Deus será tudo em todos [...]”⁷¹, em outras palavras, o “[...] banquete eucarístico é antecipação do banquete final, preanunciado pelos profetas (cf. Is 25,6-9) e descrito no Novo Testamento como ‘as núpcias do cordeiro’ (Ap 19,7-9) que se hão de celebrar na comunhão dos Santos”⁷². Dessa maneira, o Apocalipse de São João nos capítulos 4 e 5, recorda não somente a liturgia celebrada pela Igreja primitiva, mas assinala quão idêntica é a liturgia celeste e as que aqui são celebradas a cada domingo:

[...] o trono de Deus é rodeado pelos tronos dos “presbíteros” com os “sete espíritos de Deus”, o que corresponde à estrutura da assembleia eucarística como descreve as fontes mais antigas, como a *Epístola aos Magnésios* de santo Inácio de Antioquia (6,1): o lugar de Deus é ocupado pelo bispo, cercado pelos presbíteros e assistido pelos diáconos, estando o povo diante dele. Com efeito, para a Igreja primitiva, o bispo “ocupa o lugar de Deus” ou “é a imagem de Cristo”. É ele que, por sua atestação apostólica, faz da Igreja local corpo eucarístico. A presença dos presbíteros atesta que a Eucaristia é “convocação” do povo de Deus para enfrentar o julgamento final. [...] Enfim, os “sete espíritos de Deus” são sem dúvida, as “sete lâmpadas” que ardem perto do trono de Deus e que simbolizam os diáconos. Por eles a assembleia eucarística se torna serviço para o mundo. [...]”⁷³

O alimento eucarístico, além de preparar a vida futura, é também um constante celebrar a espera confiante no Senhor. A Eucaristia pode ser entendida como verdadeira “Parusia sacramental”, pois se explica pelo fato de que a própria palavra “Parusia” quer designar

⁶⁷ Cf. Mc 14,22-25; Mt 26,26-29; Lc 22,15-20; 1Cor 11,23-26.

⁶⁸ Cf. DANTAS, João Paulo de Mendonça. *Filhos no Filho: uma Introdução aos sacramentos da Iniciação Cristã*. São Paulo: Paulus, 2019.

⁶⁹ Cf. Jo 6,51.

⁷⁰ Cf. Jo 12,24.

⁷¹ CIC, n. 1326.

⁷² SCa, n. 31.

⁷³ CLÉMENT, Olivier. Teologia e “Maranatha”, Notas sobre a eucaristia na tradição ortodoxa. In: BROUARD, Maurice (Org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 594.

presença e espera. Sendo assim, em cada fração do pão celebrada pela Igreja, já é uma antecipação, ainda que velada, da Parusia. A Igreja ao suplicar “vem, Senhor Jesus”, concomitantemente, alimenta-se como povo escatológico, para manter-se firme no êxodo rumo ao reino:

[...] Cristo ressuscitou, mas a humanidade ainda está sujeita à morte. “Nossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). Assim, temos o dever e a força de entrar na paixão cega da história com todo o poder de ressurreição que a eucaristia nos dá. A fim de um dia – o Dia – a Parusia “sob o véu do sacramento” se torne a Parusia “sem véu” do Reino manifestamente presente, a fim de que um dia – o Dia sem ocaso – a comunhão dos santos (daqueles que o comungam conscientemente das coisas santas), desenhando o rosto de Cristo que está vindo, faça o mundo passar definitivamente para o Reino⁷⁴.

O domingo é o dia festivo envolto pela alegria do Ressuscitado, se torna essencialmente o dia primordial para se celebrar a Eucaristia, que é continuidade do evento pascal de Cristo e que nos prepara para a consumação e que também enche de esperança em vista da alegria da vida eterna. O dia sem ocaso, o dia que não tem fim, têm assim por sinal, Cristo que é o “Sol de justiça”⁷⁵. O Senhor revestido de glória é “o sol que surge do alto para iluminar a quantos jazem nas trevas e na sombra da morte, e para guiar os nossos passos no caminho da paz”⁷⁶. Portanto, em cada assembleia dominical ouve-se a Palavra de Deus que é Cristo o Senhor, dela se alimenta e se instrui, para receber de maneira consciente o pão eucarístico que une cada fiel intimamente a Cristo e o prepara para a vida eterna, onde será plenamente saciado no banquete escatológico que se cumprirá como o advento definitivo do Reino, com o dia que nunca terá fim.

2.3. “[...] para entrar no vosso repouso.”⁷⁷

O texto promulgado pelos padres conciliares reconhece que o “[...] domingo é o principal dia de festa. Como tal deve ser proposto com convicção aos fiéis, para que se torne um dia de alegria e de descanso [...]”⁷⁸. A razão da dimensão da alegria que permeia o dia do Senhor vem da própria celebração da Eucaristia como experiência das alegrias

⁷⁴ CLÉMENT, Olivier. Teologia e “Maranatha”, Notas sobre a eucaristia na tradição ortodoxa. In: BROUARD, Maurice (Org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 581-582.

⁷⁵ Cf. Mt 3,20.

⁷⁶ Cântico Evangélico: o Messias e seu Precursor. In: IGREJA CATÓLICA. *Oração das Horas*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Paulus: Ave-Maria, 2004, p. 740.

⁷⁷ Prefácio dos Domingos do Tempo Comum IX: O dia do Senhor. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 482.

⁷⁸ Cf. SC, n. 106

do Mistério Pascal de Cristo. Já o aspecto da universalidade do repouso já era compreendido como sendo prefiguração da parte da lei judaica que guardava o sábado como repouso. Sendo assim, o repouso universal, já vinha sendo preparado naquilo que deveria ser plenamente efetivado no Novo Testamento devido o valor simbólico e profético do repouso dominical anunciado para os últimos tempos.

Investigando as raízes culturais da história da liturgia cristã, nota-se que o sentido do repouso dominical tem um desenvolvimento gradual. Ao retomar a tradição neotestamentária existe um silêncio em relação a esse tema, mesmo que isso seja uma realidade contemporânea aos apóstolos, nada prescreve da obrigação em relação a guardar o descanso no dia do Senhor para aqueles que abraçavam a fé, haja vista que, os de origem judaica conservavam aquilo que era referente ao sábado⁷⁹. A oficialização do repouso dominical aconteceu séculos depois com o decreto imperial introduzido pela *pax* constantiniana no séc. IV. O referido repouso, entretanto, assume desde logo um sentido espiritual, já que: “[...] a cessação do trabalho não parece ter um valor em si mesmo; não existe, afinal, uma mística cristã do ócio ou do tempo livre, mas o descanso pode ser uma libertação para poder participar do culto dominical”⁸⁰.

O verdadeiro significado do repouso dominical consiste em cessar o trabalho e outras atividades que afastam o homem e a comunidade, da relação com Deus. De modo que, estando livre de todo vício, com maior empenho possa participar do dia festivo do Senhor, como ensina Santo Agostinho:

No Antigo Testamento, mandava-se guardar o sábado, e a nós também se manda guardar o dia do Senhor dum modo mais perfeito, porque nos é pedido que o observemos em espírito. Com efeito, os judeus observavam o sábado servilmente [...]. Não se diga que eles observavam o sábado. Quem observa espiritualmente o dia do Senhor é o cristão, pela abstenção do trabalho servil. Qual é o trabalho servil? É o pecado [...], portanto, também a nós se preceitua a observância do dia do Senhor, mas dum modo espiritual.⁸¹

O Bispo de Hipona deixa claro que o sentido de guardar o domingo para cada cristão não consiste em viver no ócio, mas é um repouso que consiste no libertar-se do pecado para viver as alegrias da festa pascal que são celebradas a cada domingo. Além disso, o dia do Senhor como antegozo da realidade que há por vir, aponta para o sentido terno e duradouro desse descanso:

⁷⁹ Cf. BASURKO, Xabier. *Para viver o domingo*. Tradução Atílio Brunetta. São Paulo: Paulinas, 1999.

⁸⁰ BASURKO, Xabier. *Para viver o domingo*. Tradução Atílio Brunetta. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 148.

⁸¹ SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. Tratados sobre o Evangelho de João. Tratado XXI. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 784.

Esta sétima idade será o nosso sábado, cujo termo não será a tarde, mas o dia do Senhor, como oitavo dia eterno, que foi comparado pela ressurreição de Cristo e que prefigura o repouso eterno, não só do espírito, mas também do corpo. Ali (no repouso do oitavo dia), descansaremos e contemplaremos, contemplaremos e amaremos, amaremos e louvaremos. Vede o que faremos no fim sem fim; na verdade qual é nosso fim, senão chegar ao reino que não tem fim?⁸².

Desse modo, todo projeto salvífico efetivado por Cristo, continuado pela Igreja por meio da liturgia, sobretudo da Eucaristia dominical, tem por finalidade permanecer para sempre junto de Deus. Todas as atividades e trabalhos que são resultados do agir humano no tempo e de caráter material, são suspensos pelo repouso junto ao Criador, para a sua contemplação. Aquilo que se experimenta na vivência autêntica do domingo, é o que será vivido por toda a eternidade, ou seja, um repouso em eterna comunhão com Cristo em Deus Pai, “[...] pois aquele que entrou no seu repouso, descansou das suas obras, assim como Deus descansa das suas [...]”⁸³. Esta grande aspiração do coração humano que está inquieto, se estende a toda a humanidade, pois é vontade de Deus que todos sejam salvos⁸⁴, e o contemplem no esplendor de sua glória.

2.4. “Então contemplaremos a vossa face e louvaremos para sempre a vossa misericórdia.”⁸⁵

O ideal da espiritualidade bíblica, desde a Antiga Aliança, consistia em contemplar a face de Deus, essa que ilumina e salva por misericórdia⁸⁶. Essa meta, que é almejada e buscada por todo discípulo de Jesus Cristo, que deseja ver a face de Deus e a Ele render louvores sem fim: “Felipe pediu, mostra-nos a face do Pai”⁸⁷, isto é, na face do filho brilha a face luminosa do verdadeiro Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus, o Filho Amado. Também, ensina Jesus que as crianças deveriam vir a Ele, pois elas veem a face do Pai que está no Céus.

⁸² SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. A Cidade de Deus. Livro XXII. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 807.

⁸³ Hb 4,10.

⁸⁴ Cf. 1Tm 2,4.

⁸⁵ Prefácio dos Domingos do Tempo Comum IX: O dia do Senhor. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 482.

⁸⁶ Cf. Sl 31, 17.

⁸⁷ Cf. Jo14, 8-10.

Na Oração Eucarística para Diversas Circunstâncias II, no momento das intercessões, a Igreja suplica a Deus, por meio do sacrifício de seu Filho, que possa conceder “também a nós, no fim da nossa peregrinação terrestre, chegarmos todos à morada eterna, onde viveremos para sempre convosco e, com a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, os Apóstolos e Mártires [...] e todos os Santos, vos louvaremos e glorificaremos, por Jesus Cristo, vosso Filho”⁸⁸. A vida futura, portanto os Céus, consiste na comunhão perfeita e extasiante com Deus dos remidos que já contemplam a face amorosa do Pai.

Mais que um lugar em descrições físicas, os Céus são essencialmente a participação na vida plena do Pai que é oferecida por meio do Filho. Por outro lado, a imagem dos Céus contém um significado vinculado ao sentido de “alto”, das alturas, como aquilo que está para acima da realidade humana, implicando conseqüentemente em abster-se de tudo aquilo que afasta de Deus. Por isso, Paulo ensina que todos aqueles que ressuscitam com Cristo por meio do Batismo, devem aspirar às coisas do alto⁸⁹. Assim, o Batismo abre o caminho de ressurreição para os Céus até chegar à perfeita comunhão com o Pai pelo Filho. Logo:

[...] o Céu é determinado cristologicamente. Não é um lugar a-histórico “ao qual” se chega; o fato que haja “Céu” se deve a que Jesus Cristo, como Deus, é homem e conferiu ao ser do homem um lugar no ser do próprio Deus [...]. O homem, portanto, está no céu quando – e na proporção em que – está com Cristo, com o que ele encontra, no ser de Deus, o lugar de seu ser como homem. Assim, o Céu é primariamente uma realidade pessoal, que permanece para sempre marcado por sua origem histórica no mistério pascal da morte e ressurreição [...]⁹⁰

A compreensão sobre os Céus na Igreja primitiva estava associada, nos primeiros escritos da era cristã, com a imagem dos Céus como “visão de Deus”. A vida eterna também consiste em ver e participar da vida do próprio Deus⁹¹, que é vida plena e imortal. Além disso, ao lado da ideia da visão de Deus, os primeiros escritos cristãos apresentam a do “louvor”, contemplação da glória de Deus: estando imersos na alegria de Deus o louvarão para sempre⁹² por tudo e por todos mas sobretudo por sua benevolência em admitir em seu Reino todos que aderirem à salvação em seu Filho, como o bom ladrão

⁸⁸ Oração Eucarística para Diversas Circunstâncias II. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 624.

⁸⁹ Cf. Cl 3,1-4.

⁹⁰ RATZINGER, Joseph. *Escatologia: morte e vida eterna*. São Paulo: Molokai, 2020, p. 256.

⁹¹ COSTA, Dom Henrique Soares da. *Escatologia sobre o fim do mundo*. 3. ed. Lorena/SP: Editora Cléofas: 2018.

⁹² Cf. Ap 4, 8.

que por ele foi salvo. A Carta aos Romanos lembra que “[...] as nações glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia [...]”⁹³.

Os Céus não se limitam a uma realidade de poucos, mas é expressão perfeita de toda a Igreja, que elevada à plenitude da salvação por misericórdia de Deus em Cristo, exulta de alegria. Na Jerusalém celeste, a Igreja triunfante constituída de todas as gentes, povos, línguas e nações⁹⁴, celebra a divina misericórdia de Deus na vitória do Cordeiro Pascal que pelo seu sangue precioso salvou a todos. Assim: “Para esta cidade, peregrinos e guiados pela fé, nos apressamos jubilosos, compartilhando a alegria dos membros mais ilustres da Igreja, que nos concedeis como exemplo e auxílio para nossa fragilidade”⁹⁵. Por último, todos aqueles que acorrem à casa de Deus, celebram com Cristo o já ainda não dos Céus na Terra, o mistério último que santifica o domingo: o mistério da vida plena nos Céus com Jesus Cristo, rei imortal pelos séculos sem fim.

Conclusão

O presente trabalho possibilitou analisar o domingo como “dia do Senhor” no aspecto essencial da compreensão do Mistério Pascal de Cristo e o seu sentido escatológico, bem como na vivência autêntica da fé de cada cristão. Os textos litúrgicos são uma fonte de expressão da Igreja que vive dos mistérios que celebra. Também analisamos a eucologia do Prefácio para os Domingos do Tempo Comum IX, que traz o título: “O dia do Senhor”, ressaltando de modo orgânico, o valor pascal do domingo como esperança no Ressuscitado que, prefigura pelo dia do Senhor, o dia sem ocaso.

Todas as riquezas que preenchem o dia do Senhor devem ser constantemente destacadas e reatualizadas nas pastorais para que as celebrações dominicais possam ser bem preparadas, levando toda a assembleia à participação plena, ativa, consciente e eficaz, para que a Igreja viva segundo o domingo.

Resgatada a centralidade da Eucaristia dominical, da atualização do Mistério Pascal de Cristo e seu desdobramento em seu aspecto escatológico, como antecipação e

⁹³ Rm 15, 9.

⁹⁴ Cf. Ap. 5,9.

⁹⁵ Prefácio: A glória de Jerusalém, nossa mãe. In: IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, p. 843.

prefiguração do dia sem fim, a Igreja peregrina fortalece seu caminhar rumo à pátria eterna, abrindo-se à graça do Reino de Deus.

Referências

ADAM, Adolf. *Ano Litúrgico: sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica*. Tradução Mateus Ramalho Rocha. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

AUGÉ, Matias. Princípios de interpretação dos textos litúrgicos. *In: NEUNHEUSER, B. et al. A liturgia: momento histórico da salvação*. vol. 1. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. (Coleção Anámnese; 1).

BASURKO, Xabier. *Para viver o domingo*. Tradução Atílio Brunetta. São Paulo: Paulinas, 1999.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da. *O Mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência, SP: Siquem, 2003. (Coleção Teologia Litúrgica).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosantum Concilium: sobre a sagrada liturgia*. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum: sobre a revelação divina*. *In: VIER, Frederico (Coord.). Documentos do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ministério e Celebração da Palavra*. Documentos da CNBB 108. Brasília: 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 7. ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.

COSTA, Henrique Soares da. *Escatologia: sobre o fim do mundo*. 3. ed. Lorena: Cléofas: 2018.

DANTAS, João Paulo de Mendonça. *Filhos no Filho: uma introdução aos sacramentos da Iniciação Cristã*. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção Teologia Sistemática).

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Tradução Francisco Taborda. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Coleção Theologica).

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.

IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa

João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023.

IGREJA CATÓLICA. *Oração das Horas*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Paulus: Ave-Maria, 2004.

IGREJA CATÓLICA. *Pontifical Romano*. São Paulo: Paulus, 2000.

IGREJA CATÓLICA. *Ritual Romano: A sagrada comunhão e o culto do mistério eucarístico fora da missa*. São Paulo: Paulus, 2000.

JUNGSMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia: origem, liturgia, história e teologia da missa romana*. 5. ed. Tradução Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2008.

MALDONADO, Luis. Quem celebra: a Assembleia Litúrgica, sujeito integral da celebração. In: BOROBIO, Dionisio (Org.). *Liturgia e sacramentologia fundamental*. vol. 1. Tradução Adail U. Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1990. (Coleção A celebração na Igreja).

PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis: sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dies Domini: sobre a santificação do domingo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

PEIXOTO, João da Silva. O Missal Romano e sua riqueza eucológica. *Humanística e Teologia*, Porto, v. 14, n. 3, p. 277-303, 1 set., 1993. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/5877>. Acesso em: 07 jul. 2022.

RATZINGER, Joseph. *Escatologia: morte e vida eterna*. Tradução Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Molokai, 2020.

SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. Tratados sobre o Evangelho de João. Tratado XXI. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

TRIACCA, Achille. Escatologia. In: TRIACCA, Achille. *Dicionário de Liturgia*. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.